

O valor da obra é ampliado pelo muito útil Índice de Autores que apresenta. A finalizar, uma última secção inclui breves notas curriculares sobre os autores dos estudos.

Em suma, há que louvar o excelente serviço que presta ao público, mais ou menos especializado, esta coletânea de 16 estudos, publicada sob a chancela da prestigiada Imprensa da Universidade de Coimbra, em parceria com a editora paulista Annablume, que testemunha a inesgotável sedução que a filha de Édipo continua a exercer sobre criadores, encenadores e estudiosos da receção dos mitos.

**Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga. Uma leitura da obra de Simónides*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. Humanitas Supplementum, 469 pp. ISBN 978-98-9721-031-0.**

MARIA FERNANDA BRASETE (*Universidade de Aveiro — Portugal*)<sup>3</sup>

Como declara a autora no “Prefácio” (p. 9), este livro resulta do trabalho de investigação realizado para a sua dissertação de doutoramento apresentada, em 2005, à Universidade de Coimbra. Uma “Nota Preliminar” concisa (p.12) fornece esclarecimentos úteis sobre as edições críticas seguidas, além de uma explicitação sobre os critérios utilizados nas citações dos textos e autores antigos, bem como relativamente às abreviaturas e às siglas das publicações periódicas. Trata-se de uma obra que cumpre exemplarmente o que o título enuncia: uma investigação meticulosa e muito bem fundamentada, sobre um poeta e uma temática fascinantes. Recuperam-se os primórdios da antiga literatura grega para documentar, analisar e interpretar a tradição da mobilidade que marcou o ofício dos poetas da denominada Lírica Arcaica, com o objetivo de rastrear o percurso profissional de Simónides de Ceos (556-468 a.C.), através de uma leitura ampla e atualizada de um grande número dos fragmentos líricos e elegíacos, bem como dos epigramas que constituem, hoje, o *corpus* da obra do poeta.

A abrir este volume, estruturado em três partes principais, encontramos uma Introdução (pp.15-59) bem desenvolvida e rigorosamente documentada, que enquadra e discute a tradição arcaica da mobilidade poética, e em concreto a atuação dos aedos e dos rapsodos, com referências

---

<sup>3</sup> mbrasete@ua.pt.

minuciosas aos poemas homéricos, a Hesíodo, ao *Hino Homérico a Apolo* e ao *Certamen*. A escassez de informações e de testemunhos que nos chegaram sobre os poetas itinerantes e assalariados que marcaram o mundo arcaico grego condicionam, como a própria A. admite (p. 369), a reconstituição dos contextos de composição e de execução poéticas e, em particular, a atividade poética de Simónides. Mas a partir de *testemonia* antigos e através de uma aturada reflexão crítica, a A. prossegue o excelente enquadramento introdutório, abordando, na Parte I (intitulada “Dados Preliminares”, pp. 61-112) “uma das principais razões de mobilidade poética” (p. 65) — as festas públicas que integravam concursos oficiais de cariz poético-musical — que, no decurso do século VI a.C., determinaram a deslocação dos poetas para participarem nos festivais pan-helénicos, sob o patrocínio de “ricos e generosos tiranos” (p.65) que, na época, governavam em diversas partes do mundo grego. A atualizada informação bibliográfica e o poder de síntese da A. destacam-se na interpretação crítica, muito bem fundamentada, que apresenta das circunstâncias histórico-culturais e poéticas que caracterizaram e condicionaram a mobilidade e a atividade de um grande número de poetas gregos (cujos nomes aparecem convenientemente destacados a negrito), desde o século VIII até ao início do século V a.C..

Consequentemente, na extensa Parte II (pp. 113-185), sob o título de “O espaço de mobilidade de Simónides”, desenvolvem-se tópicos relacionados com o itinerário biográfico e profissional do poeta de Ceos. Depois de uma súpula de dados essenciais sobre a vida do afamado Simónides, inclusive a questão da cronologia (556-468 a.C.), a A. centra-se no seu principal objeto de estudo: a mobilidade do poeta profissional. Refere inicialmente às duas composições funerárias que lhe são atribuídas no *corpus* epigramático (pp.121-3), para depois discutir a sua atuação profissional no âmbito das “festas públicas” (pp. 124-135), detendo-se na composição e execução de hinos e de odes de vitória, bem como nas presumidas vitórias em competições de ditirambos. Seguidamente, o foco de análise incide na relação de Simónides com os seus patronos e outros benfeitores/protetores, como as famílias aristocráticas da Tessália. Pese embora a imprecisão das fontes antigas e a fidedignidade de alguns dos testemunhos disponíveis, minuciosamente apresentados e discutidos pela A., o nome e a atividade

profissional de Simónides aparecem associados a diversos patronos, oriundos da Grécia Central ou Insular, ou mesmo da Magna Grécia, como é o caso dos tiranos Hierão de Siracusa e Téron de Agrigento. De um notável exercício exegético das diversas fontes antigas resultam páginas repletas de informações, mesmo que, por vezes, conjeturais ou polémicas, mas sempre cuidadosamente documentadas e sistematizadas, que lançam uma nova luz sobre a indiscutível versatilidade poética do poeta de Ceos, de quem conhecemos, afinal, um parco número de composições fragmentárias. O seu talento e a fama que cedo conquistou tê-lo-ão levado a variadíssimos locais do vasto mundo grego, a frequentar as casas aristocráticas mais importantes da época, a participar com sucesso em numerosos *agones*, a angariar contratos proveitosos pela própria natureza do seu ofício e a conviver com os poetas mais ilustres do seu tempo (Anacreonte, Xenófanes, Píndaro, Baquírides, Ésquilo, entre outros). É claro que, em relação às circunstâncias que envolviam a composição, a apresentação e a execução das suas obras, bem como à variedade temática dos seus poemas líricos e elegíacos, o estado muito fragmentado do *corpus* de que dispomos e a profusão de notícias oriundas da tradição pseudobiográfica ou anedótica não nos permitem, hoje, como conclui a A., “reconstruir com segurança o percurso profissional de Simónides” (p. 360). Estima-se, no entanto, que, durante a época das Guerras Medo-Persas, o poeta tenha desenvolvido a sua atividade profissional em território ático (p. 149). De menor importância, porque muito discutíveis, se afiguram as acusações de “ganancioso”, “pragmático” ou “avarento” a um poeta com o estatuto de Simónides, a quem também se atribuiu também os títulos de “Sábio” e de “proto-sofista”, e que, inevitavelmente, se converteram em *topoi* difundidos pela tradição.

A Parte III (“*Fragmenta Selecta*: Uma leitura da Obra de Simónides”, pp. 187-365), que reflete a essência do trabalho de investigação realizado pela A., é consagrada ao estudo de um número assaz significativo de fragmentos do *corpus* conservado do poeta de Ceos, cuja ode mais antiga data do ano de 476 a.C. Distribuídos por dez secções e subsecções, 44 fragmentos, dez dos quais elegíacos, e 22 epigramas são objeto de um comentário literário-estilístico minucioso e bem fundamentado, apesar de as muitas interpretações possíveis se inscreverem sempre, como adverte a A.,

“no domínio do hipotético” (p. 71). O texto grego aparece sempre acompanhado de uma tradução rigorosa e fluente em português, da responsabilidade da A., e apoiado por um aparato crítico. Os fragmentos estudados aparecem coerentemente organizados em três partes principais (I. “O Canto em Honra dos Homens”; II. “O Mito: Deuses e Heróis na Obra de Simónides”; III. “A Presença da Natureza”), que se subdividem em outras secções, em função do conteúdo: reflexões sobre as limitações humanas; elogios de teor individual ou coletivo; referências a deuses e a heróis; e, por último, a evocação da natureza. Há que assinalar a erudição dos comentários apresentados, em que, frequentemente, se procede a uma análise verso a verso, palavra a palavra, sem se esquecer o mais ínfimo pormenor; bem como a profundidade da fundamentação em autores antigos e modernos que sustenta o vasto trabalho hermenêutico.

Uma abundante bibliografia (pp.379-404) complementa o alcance deste estudo, depois das profícuas “Conclusões” tecidas pela A. ao longo de sete páginas (pp. 369-75) sobre o “peso da tradição” e a “versatilidade poética” de Simónides, um dos nove poetas líricos que integraram o cânone alexandrino, mas que, como observou Hutchinson, “não teve mestres nem discípulos” (p. 375). A enriquecer a obra e a facilitar o seu manuseio, por parte de um leitor mais ou menos especializado, encontram-se, no final do volume (pp. 407-469), um índice de fontes antigas, um índice de autores modernos, um índice geral e, por último, um índice de termos gregos.

Cumprе salientar, em jeito de conclusão, que o estudo da Professora Luísa de Nazaré Ferreira, destinado prioritariamente a um público académico, se revela um contributo inigualável, em língua portuguesa, para o estudo da mobilidade poética na Grécia arcaica, e em especial para uma interpretação, rigorosa e exaustivamente documentada, da poesia de Simónides de Ceos.